

TERRA

Semanário Anarquista

LIVRE

N.º 10—1.º ANO

Dirêtor: PINTO QUARTIM
Propriedade do grupo editor da
TERRA LIVRE

Publica-se às 5.ªs feiras

Redação e administração
Rua das Gaveas, 55, 1.º

Editor: JAIME DE CASTRO

Comp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS
R. do Poço dos Negros, 81

PREÇO 20 RS.

Perante o arbitrio do governo que faz a organização proletaria?

Quando nos quedamos a olhar a forma como vai correndo a publica governação, uma nuvem negra nos tolda a vista, terríveis são as previzões que fazemos sobre o futuro.

Jamais nos ultimos trinta anos se atravessou, neste paiz, um periodo de tamanho arbitrio, de tanto despotismo.

Suprimem-se jornais, encerram-se associações legalmente constituídas, prendem-se individuos contra tudo o que está estatuido e ninguem se ergue a protestar.

Lançam-se impostos pezadissimos, reduz-se á impotencia, pela fome, a multidão e ninguem se revolta.

E, no entanto, uma força eziste, em Portugal, que podia mudar a face das couzas, desviar o curso dos acontecimentos, se tivesse a consciencia da sua missão, a noção ezata do seu poder.

Referimo-nos á organização operaria.

Nunca a massa proletaria ocorreu tanto aos sindicatos como atualmente, e nunca tambem os militantes sindicalistas se mostraram mais indolentes, mais despreocupados, menos conscios do seu papel, que neste momento.

Áparte a nunca desmentida dedicação dessa meia duzia de rapazes que constituem o grupo editor do *Sindicalista*; a imperturbavel energia dos fragateiros do porto de Lisboa; a atividade e persistencia dos rurais, que resta de tudo isso a que chamámos a organização operaria?

Pouco mais que um zero. Uma massa incontavel de arrejentados, imovel porque lhe não insuflam alma, sem consciencia porque não lh'a revelam, meia duzia de capacidades e energias dispersas, a esbracejar no vacuo, esgotando-se inutilmente, eis o que fica.

Uma inercia criminoza ataca uns; uma profunda crize moral abafa outros, todos contribuindo poderosamente para o desmantelamento do trabalho que ha dois anos tão auspiciosamente se vinha levantando.

E assistimos assim, de braços cruzados, com um gesto de desdem ou um sorriso tranquillo nos labios, ao dezabar daquillo que tanto sacrificio nos

custou, qué tanta enerjia nos consumiu?

Não, não póde ser, não deve ser! Isso seria o mais torturante e dolorozo dos aniquilamentos, o mais cobarde e abjeto dos suicidios.

Estão detidos no Limoeiro, sete trabalhadores rurais, que são ao mesmo tempo outros tantos propagadores da ideia sindicalista, alguns deles tendo na sua folha de serviços a cauza a organização duma vintena de sindicatos, todos sem que haja uma razão atendivel a justificar a sua prizão, e assistimos inermes, na mais censuravel das apatias, sem um impeto de colera, sem um desforço ativo, ao seu esmagamento?

Pois não-de os operarios sindicalistas da cidade deixar a organização rural, êles que dela fôram o amparo e guia nos seus primeiros passos, a debater-se numa luta litânica, izoladamente, assistindo como méros espetadores?

Se tal se desse era a supremacia das vergonhas, o mais evidente atestado do nosso mêdo. Era a morte moral, a manifesta ezautoração.

A Federação Rural faz a paralização geral do trabalho, nos campos, no dia 2 de junho.

Pois bem. E' necessario que todos acompanhem esse movimento.

Urje que a C. E. do C. S. se penitencie dos seus descuidos e desleixos, convocando imediatamente uma reunião magna dos organismos operarios e ali se delinee a ação imediata a encetar para que se ezequite a paralização do trabalho em 2 de

junho, para que se proceda á colheita de donativos que vá de certa maneira minorar a infelicidade de nossos companheiros.

Chamêmos todos os militantes ao cumprimento dos seus compromissos e vejamos com quem poderemos contar de futuro.

O momento é unico. Ou se demonstra que ha realmente uma organização operaria que tal nome merece e se impõe, ou se prova que temos mentido descaradamente.

Duma maneira ou outra, seja qual for o resultado, tem a C. E. do C. S. o imprescindivel dever de dar imediatamente o sinal da luta, sob pena de desaparecer como elemento nocivo e improdutivo.

O caso Queraltó

Já aqui nos ocupámos deste ruidoso caso, narrando como e porquê o ilustre medico e publicista espanhol dr. Queraltó recolheu, em duas condenações definitivas, um total de 9 anos e 4 meses de desterro de Barcelona e uma multa de 4.500 pesetas; além das custas dos processos.

Repita-nos a história edificante. Certo dr. Fuster, médico do Patronato da luta contra a tuberculose na Catalunha, descobriu, tatuada num braço dum doente, a inscrição: «Viva a anarquia!»

Como o doente era um pobre diabo, de mais a mais enfraquecido pela tuberculose, o clerical esculápio levou-o a aceitar a ablação do herético e subversivo pedaço de carne, sem anestesia geral nem local, para espiiação do pecado e bem da salvação eterna!...

O presidente do Patronato dr. Vidal y Ribas, cujo filho é cortesão no Paço, celebrou o feito em sessão extraordinaria, começando: «Eis, senhores, uma alma resgatada pelos nossos médicos.» Daí a alcunha dos



O dr. Queraltó

médicos daquela instituição em Barcelona: «os resgatadores de almas do Patronato.»

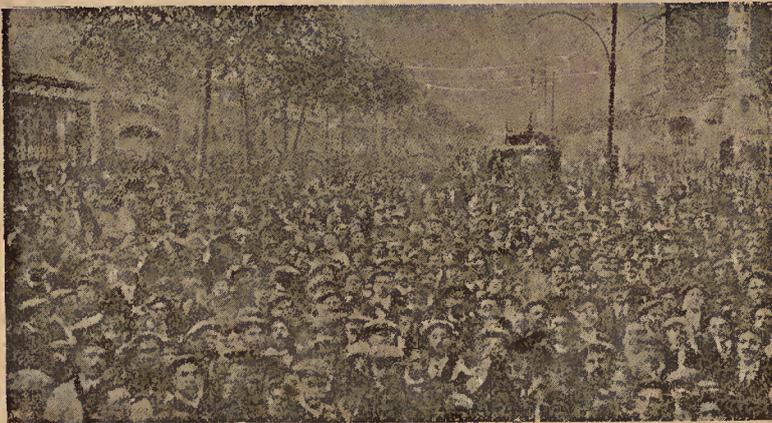
Tambem o governador de Barcelona na ocasião, Osorio y Gallardo, louvou a façanha do dr. Fuster, considerando-a como um simbolo e como um ezeplmo a seguir!

Contra a selvajaria da operação e contra a admiração por ela provocada nos médicos clericais—mais clericais do que médicos—insurjiu-se o dr. Queraltó, que é uma celebridade científica universal, membro de várias academias nacionais e estrangeiras, presidente de instituições e de congressos, autor de obras numerosas e valiosas, sendo bem conhecidos nos meios avançados os seus belos estudos sobre o «aspêto social» da luta contra a tuberculose.

Ainda atualmente está em vias de publicação, nos «Documents du Progrès», o seu *Balanço social da tuberculose*.

O nobre e fundamentado protesto dêste homem de ciencia e de coração valeu-lhe dois processos, movidos, não pelo inquisidor (operador, não) dr. Fuster, mas pelos médicos clericais! E sobre a decisão dos tribunais pesou sem duvida a vontade da côrte, onde o filho do dr. Vidal y Ribas tem larga influência.

E' o que a gente oficial da Espanha pretende agora ocultar, porque o rei precisa de fazer uma viagem politica a Paris, e em França o caso Queraltó causou grande indi-



Uma manifestação em Barcelona pró Queraltó

gnação. Demais, nem os franceses, nem os espanhóis, nem os homens livres de todo o mundo se esqueceram do caso Ferrer, de Montjuich e de todas as repressões sangrentas e ferozes da Espanha inquisitorial. A monarquia espanhola acumulou sobre si demasiados odios e já ninguém acredita em comédias liberais. A prova está no novo atentado de Madrid.

A prova está ainda na vasta repercussão do caso Queraltó. Na Espanha e no estrangeiro, sobretudo na Bélgica e na França, multiplicaram-se os protestos, nos quais se solidarizaram associações médicas e associações populares, ligas dos direitos do homem e sindicatos operários. Barcelona distinguiu-se pela grandeza das suas manifestações.

Não: a Espanha monárquica e clerical não tem emenda.

Factos e comentários

O governo da rôlha

Com razão se está chamando ao governo do sr. Afonso Costa o *governo da rôlha*.

Ha um jornal que fala demais? E' suspenso e apreendido. Rôlha!

Ha um funcionario que faz conferencias, dizendo verdades alarmantes? Imediatamente demitido. Rôlha!

Os sindicatos agricolas querem protestar contra o aumento de contribuições? Ameaçados com Penitenciária e degrêdo. Rôlha!

Os funcionarios publicos pretendem pensar e falar como quizerem? Lei do garrote no lonbo. Rôlha!

Por este andar, ainda vem aparecer algum impôsto para quem não quizer andar... rolhado.

— *Talassas!* estará a esclamar algum dos nossos leitores supondo que somos nós que dizemos estas coisas. Pois achata! que quem o diz é um jornal republicano de Leiria, *O Radical*, de que é diretor um republicano e deputado, o sr. Ribeiro de Carvalho.

"O Sindicalista,"

Segundo informa a imprensa burgueza, a policia, por ordem superior, não deixou circular o ultimo numero do *Sindicalista*.

Sobre este assunto, lemos na *Republica*, de 13:

«A policia judiciária recebeu ontem ordem superior para não deixar circular *O Sindicalista*, ficando, por esse motivo, guardada a casa da máquina donde aquele semanário sai.

Pelo visto, a fita prossegue...»

Nada mais podemos dizer sobre o caso, por falta de informações dos nossos camaradas daquele jornal.

Um atentado

No pretérito domingo, quando o rei de Espanha regressava de qualquer cerimonia militar, um individuo disparou três tiros sobre ele Sua catolica majestade, dizem os arames, ficou ilezo.

Decididamente, os tempos vão pouco propicios para os reis.

...Para os reis e seus equivalentes.

Os meninos da «alta»

Ha dias, apareceu no teatro Republica uma mulher franceza, correspondente no Brazil de varias folhas norte-americanas, vestindo *smoking* e colete branco como um homem. Pois foi o bastante para que certos meninos da «alta» a perseguissem com as chufas mais indecorosas, chegando a apalpala e a dar-lhe piparotes no chapéu quando num dos intervalos o marima-

cho veiu a um dos corredores fumar o seu cigarro.

Ora nós, repudiando, em absoluto, a *masculinização* da mulher, entendemos, todavia, que os supracitados meninos foram duma extrema grosseria para com a escentrica jornalista. Tem ela a liberdade de se vestir como entender e quizer. E, mal por mal, ant's uma mulher vestida de homem do que um homem vestido de mulher, como, talvez, desejariam vestir alguns dos referidos meninos...

Leituras nefastas

Ha quem considere nociva a imprensa libertaria do país, apontando-a como perturbadora dos espiritos... porque os educa e orienta para uma nova ordem de coisas; todavia, não tem, ao mesmo tempo, uma unica palavra de censura para publicações como, por exemplo, a *Noticia Ilustrada*. Esta folha é, sob todos os aspectos, tudo quanto ha de mais repugnante e de maior pernicioso para o espirito dos que, pela sua ignorancia, tem o mau gosto de a ler. Só do crime se ocupa e, assim, facil é de calcular a sua imoralissima influencia na mentalidade do povo, com o pormenorizado e colorido relato de tristes miserias sociais.

Mas não só perverte como, por vezes, trapaceia indecorosamente. No seu ultimo numero, ocupando-se do julgamento do que ela chama a *trajica quadrilha* de Bonnot e Garnier, afirma que a sua justiceira condenação foi recebida com absoluto aplauso pelo publico. Ora a verdade é que, apenas a sentença foi publicada, um grande movimento de reação se manifestou em França. O povo, afastado já da venenosa influencia das folhas nacionalistas e patrióticas, começa a duvidar da culpabilidade dos acusados, merecendo-lhe alguns deles absoluta simpatia. A propria imprensa burgueza reflete, em largos artigos, esse estado de opinião. Mas a *Noticia*, sem o menor escrúpulo, — coisa que, pelo visto, desconhece por completo, — diz que a justiceira sentença foi bem recebida. E sente-se satisfeita com a mentira. Bemaventurados os pobres de espirito porque a eles pertence o reino dos burros e a vista grossa dos governantes.

O despertar dos escravos

O congresso dos trabalhadores rurais de Evora

resolve declarar a greve geral no dia 2 de junho como protesto contra a prisão de varios trabalhadores do campo.

Revestiu extraordinario brilhantismo o Congresso dos Trabalhadores rurais em Evora.

Procurou a autoridade, por diversas vezes, interromper a bôa ordem dos seus trabalhos. Nada conseguiu, porém. Os nossos camaradas souberam responder dignamente ás suas provocações, comportando-se com a mais absoluta serenidade. Deve o governo ter compreendido que os que trabalham se encontram firmemente dispostos a curar dos seus interesses, pondo de parte, e de vez, todas as panaceias politicas. Os tempos mudam — e os homens tambem.

Este Congresso foi uma bela manifestação de força e solida-

riedade. Nêle se discutiram questões de primacial interesse para a familia trabalhadora. Todos o reconhecem, incluindo os proprios politicos. O proletariado dos campos começa despertando. Unido aos seus irmãos da cidade, aos escravos da oficina, dia virá, em breve, em que ele se imporá a esta iniqua sociedade, proclamando uma nova era de liberdade e de justiça para todos.

O Congresso abriu no sabado 5 do corrente cêrca da uma hora da tarde, na séde da Federação, presidindo Jesuino Madeira, secretariado por F. Quartel e Francisco Martins. Encontravam-se representadas 69 associações. Entrando-se na ordem dos trabalhos, formada a comissão verificadora de mandatos pelos companheiros: Dimas da Silva, F. Vicente d'Almeida e F. Pereira, lido o discurso de abertura pelo rural João Fernando Frade e depois de terem usado da palavra diversos oradores, foi apresentado e aprovado o regulamento do Congresso e resolvido enviar a Córdova, ao congresso espanhol, dois delegados da Federação, Ferreira Quartel e Joaquim Candieira.

Nas sessões seguintes, que tambem decorreram muito animadas, foi lida e aprovada a tese da organização e administração em que se reconhece que é urgente interessar na vida sindical a mulher, discutidos o parecer sobre a tabela de salarios e horarios, projeto da lei do fomento e a tese apresentada pela Federação sobre *greve geral e seu objétivo*. Sobre este importante assunto falaram mais de trinta congressistas, sendo a greve votada e ficando resolvido, no meio do maior entusiasmo, que no dia 2 de junho seja paralisado o trabalho durante 24 horas, como protesto contra a injusta prisão de varios trabalhadores do campo.

A abrir a sessão de domingo a professora Lucinda Tavares efêtuou uma conferencia, sob o têmea «qual em seu entender deve ser o papel educativo a desempenhar pelos sindicatos». O estudante de medicina Afonso Manaças igualmente realizou uma palestra, sobre o auxilio mútuo entre os animais, estudando-o na espécie humana durante os seus tres periodos: selvajismo, barbarismo e civilização. Depois de se encerrar a 5.ª sessão, Sobral de Campos e Edmundo de Oliveira tambem realizaram conferencias.

Depois da primeira sessão e antes da segunda, tiveram os congressistas um jantar servido por uma cozinha comunista.

AVISO

A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 14 ás 16 horas.

Revista dos jornais

Administração local

Discreteando na *Luta*, ácerca da discussão parlamentar do Código Administrativo, o sr. João de Menezes, ex-anarquista e ex-ministro, da sua pena doutissima faz cair estes dizeres:

«Defendemos nós a ideia de, nos municipios mais importantes, um terço da vereação ser constituído pelos delegados das classes. Em alguns países assim sucede e, de resto, essa orientação é hoje defendida por todos quantos reconhecem a necessidade da representação sindical. Se ha quem a queira nos parlamentos, desde o republicano francês Deschanel, ao socialista belga Vandervelde e ao liberal russo Kalaiewsky, mais lojico e mais natural se nos afigura desejarla nas municipalidades.

Assim se daria, de certo modo, mais coesão ás classes, agrupando os interesses economicos. Para aqueles que dizem ser a representação das classes uma representação de egoismos — o que não prova que a representação da massa inorganica do eleitorado geral seja uma representação... do altruismo — devia constituir suficiente garantia o saberem que os representantes das classes, constituiriam apenas um terço da vereação.»

Os quais dizeres devem ser parentes procimos dos usados pelo sr. José de Magalhães na preconização do «radicalismo sindical», moderada fantasia que temos ideia de haver conhecido em Oliveira Martins e João Franco, dado que, repelindo com energia a reclamação «a função aos funcionarios», se confina em uma pacatissima intervenção dos agrupamentos profissionais nos trabalhos lejislativos. Mas nem por o serem, se nos afiguram menos dignos de atenção. E' que trazem em si um desvio das forças sindicalistas e ainda não nos esqueceu aquela tentativa patusca da criação de um partido sindical... da caça ás cadeiras de vereadores e deputados!

O horario do trabalho

Parece que tem estado em discussão no parlamento um projeto de lei do deputado democratico, sr. Alfredo Ladeira, sobre horas de trabalho diario. Discute esse projeto no «Socialista» o sr. Pedro Muralha, que resume as suas considerações nesta frase rapida: é demasiadamente *piño*; não presta para nada. E tudo assim estaria dito sobre semelhante manifestação da atividade parlamentar, se o sr. Muralha não generalisasse a sua opinião nestes eloquentes termos:

«Então, quando por todo o paiz, a não ser em varias fabricas do norte, se trabalha já 9 horas e que os operarios aspiram a trabalhar 8, é que o sr. Ladeira se lembra de legalisar o horario em 10 horas?

«Dez horas de trabalho para certas industrias e entre elas a propria construção civil, constitue uma desumanidade que o proprio sr. Ladeira repudiaria se se visse forçado a ter que voltar para a oficina.

«Por certo que o projeto não passará, mas se o parlamento consentisse tal calamidade, as classes que o deputado democratico julga favorecer, não lhe agradeceriam, visto ele prejudicar muitos milhares de pessoas.

«Somos pelo dia normal de 8 horas. Mas essa melhoria ha de ser reivindicada conscientemente pelos operarios, e não concedida por um parlamento.

«A regulamentação de horas de trabalho, deve ser reivindicada pelos proprios operarios. Melhorias nas condições de trabalho, não se dão nem recebem, conquistam-se, mercê da união e da disciplina das classes trabalhadoras.»

Assim mesmo. Dir-se-ia estarmos a ler alguma negregada folha sindicalista ou anarquista!

A criança de mama

por Michel Petit

(Continuação)

O nascimento

A criança que nasce deve, antes de mais nada, ser protegida contra o frio. É necessário suavizar-lhe a transição entre a temperatura constante e elevada (37 a 38.º) do corpo materno, e a temperatura variável e sempre mais baixa do meio exterior. Aquecei pois o quarto, de forma que no momento do parto a temperatura seja de 20 a 22.º preparai muitas botijas de água fervente que empregareis, no último momento, e que são destinadas, umas ao leite da criança outras ao leite da mãe, que também esta tem muito frio desde que as dores cessam; tende uma banheira de criança ou qualquer outro recipiente, no qual possais mergulhar o recém-nascido, até ao pescoço, em água previamente fervida e levada à temperatura de 35 a 36.º; e, durante este banho, que se deve seguir imediatamente ao nascimento, frictonai suavemente todo o corpo da criança para o desembaraçar de grande parte das matérias gordas que lhe cobrem a pele. Não vos demoreis, porém, numa lavagem meticulosa impossível de executar duma só vez e sobretudo, apoz esse banho de cerca duns dez minutos, não deixeis a criança nua exposta ao ar durante todo o tempo que fôr preciso para lhe vestir as camisinhas, os colétiños e outras peças de vestuário difíceis de passar por baixo dos seus pequenos braços. Logo que o recém-nascido tenha sido limpo com toalhas quentes, envolvi-o num pano quente, de linho fino e depois num pano de lã espessa e deitai-o no seu leito munido de botijas de água quente.

Mais tarde, poder-se-á proceder sem inconvenientes ao seu completo vestuário. Por agora a criança, bem quente de nada mais precisa, ao passo que a mãe reclama pelo contrario muitos cuidados.

O momento do parto é um momento terrível, como o sabem todos aqueles que a ele têm assistido. É em vão que o pratico (medico ou parteira) cuida, durante o periodo de espera, de que tudo esteja preparado; se a espera se prolonga, exalta muitas vezes a assistência, que não compreende que não se trata sómente de pôr fim imediato aos sofrimentos da doente, mas de mais alguma coisa. É em vão que os papeis são distribuídos com antecedencia, que tal pessoa fica encarregada de prestar cuidados á criança, outra de preparar o banho e as botijas, etc. Inevitavelmente na ocasião em que o pratico tiver necessidade de auxilio, não encontrará ninguém util

entre a assistência, até então tão impaciente.

Toda a gente perde a cabeça e remexe tudo, muitas pessoas fazem e desfazem a mesma coisa, e ninguém fica disponível para outros cuidados urgentes; o pratico tem então que se servir a si mesmo, ir buscar os objetos necessarios sem pedir nada a ninguém, e desempenhar sózinho a tarefa para cuja execução se convidou muitas vezes uma meia dúzia de pessoas. Daqui resultam grandes riscos para a parturiente.

O pratico não lhe deve tocar senão com as mãos limpas, isto é, se fôr obrigado a pegar num qualquer objeto usual, a tocar, levemente que seja nas roupas da cama, deverá proceder a uma nova lavagem anti-cética das mãos, ezatamente na ocasião, em que muitas vezes, não há um unico instante a perder. Se despreza esta precaução, a parturiente fica exposta a uma infeção que pode generalizar-se e tornar-se rapidamente mortal.

A propria criança, por falta dos cuidados imediatos necessarios, pôde resfriar e succumbir.

Para evitar estes graves perigos, basta apenas pedir para um parto a assistência de duas pessoas, o mais experimentadas possível e sobretudo capazes de conservar o sangue frio e de seguir escrupulosamente as indicações do pratico.

As avós que não podem já mais realizar tais condições, devem ser implacavelmente escludidas da assistência imediata ao parto, no qual, quasi sempre sem escção, desempenham o mais funesto papel.

É necessário também simplificar a tarefa, desembaraçando o quarto de todos os moveis que não sejam estritamente indispensaveis, o que dará marjem á instalação duma cama de ferro estreita e dura que abreviará, tornando-as mais uteis as dores da paciente e permitirá ao pratico dar-lhe mais seguramente todos os cuidados necessarios e deixará vazia a cama habitual para a qual se fará transportar a parturiente depois de ter sido medicada, lavada e de haver mudado de roupa.

Tais são as principais precauções a tomar, para reduzir o mais possível os riscos que correm a mãe e a criança, no momento do parto. Tenho apenas considerado o caso dum parto normal de termo; qualquer caso anormal ezije os cuidados apropriados dum médico.

Não é no ultimo momento, no momento em que os accidentes se produzem, que esses cuidados são mais eficazes; é antes do parto, no decurso da gravidez, que se deveria sempre fazer proceder a um ezame que permitiria prever os accidentes e muitas vezes prevenilos. Esta precaução nem sempre é tomada nas cidades, e quasi nunca, por assim dizer, o é nos

campos, sobretudo naqueles em que á avareza do camponez se junta o pudôr hipócrita derivado da educação clerical. Assim vê-se muito frecuentemente em certas populações prolíficas os partos serem seguidos a breve trecho da morte das crianças, e quando o não são da morte nas mães, quasi sempre sobrevem nestas um grande numero de enfermidades. Quando se pensa em que uma simples análise de urinas, feita no decurso da gravidez, denuncia a causa mais frecuente de aborto e de eclampsia, e que basta um rejimem apropriado para evitar seguramente estes graves accidentes, forçoso é indignarmos contra a indiferença de tal gente, que apesar de todas as advertencias, se espõe a catástrofes que tão facilmente poderiam evitar (1).

O que nem sempre depende da mãe é o poder repousar durante o ultimo mez da gravidez.

Todos os praticos tem podido constatar as condições desfavoraveis, em que para fazer face ao doloroso trabalho do parto, se encontra a mulher proletaria esgotada por uma tarefa penosa, prolongada até ao ultimo momento.

Por outro lado investigações precisas tem mostrado a importancia desse repouso para a criança, que então nasce mais gorda e mais resistente.

Ora as salariadas encontram-se ainda privadas deste meio de diminuir os perigos da maternidade e de criar filhos vigorosos.

Contudo, os patrões apressam-se a rodear de todas as precauções as suas mulheres, quando estas consentem em lhes dar herdeiros.

Os salariados devem pois também ezijir tal regalia.

(1) Segundo a opinião unânime dos médicos, o aborto comporta infinitamente mais perigos imediatos ou consecutivos do que o parto.

Movimento libertario

INGLATERRA

Congresso anarquista.

Nos dias 23 e 24 de março, reuniu-se em Liverpool o segundo congresso anarquista inglês, ao qual assistiram mais de 69 camaradas de 17 cidades, mandando os de outras seis cartas a explicar a impossibilidade de enviar delegados.

No domingo, 23, de manhã, discutiu-se sobre propaganda geral e leram-se os relatórios dos varios distritos. Os progressos do anarquismo na Inglaterra tem sido maravilhosos nos ultimos tempos, especificando-se entre os mineiros do distrito de Swansea e do sul do País de Gales em geral.

A tarde, tratou-se de organização anarquista: grupos, federação de grupos, pormenores relativos á sua atividade. Discutiu-se sobre metodos de organização e assentou-se em promover, em cada localidade, a fundação de ao menos um grupo, pequeno embora. Decidiu-se espor num folheto os principios assentes e escolheu-se um «secretario da propaganda», com o en-

cargo de reunir informações e relatórios locais para servir aos grupos, aos oradores, etc. Esse secretario é Platin, de Bristol.

A noite, realizou-se um concorrido comício de propaganda anarquista.

Na segunda-feira, de manhã, discutiu-se a propaganda escrita — pelo livro, pelo folheto e pelo jornal. Em 1904, a saída foi de 300 livros e de 4.000 folhetos; em 1910, de 1.100 e 15.000 respetivamente; em 1912, distribuíram-se já 200.000 (duzentos mil) exemplares de opusculos!

Quanto ao semanar o *O Anarquista*, de Glasgow, não pôde sustentar-se por causa das fortes despesas e um pouco também por causa do titulo, que assustava os agentes de jornais e os compradores... Resolveu-se fundar, apenas reunidos os elementos necessarios, um novo semanario de propaganda popular para o substituir: *A Voz do Trabalho*. *Freedom* mantem-se como revista.

A tarde, tratou-se ainda do semanario e do modo de coordenar a obra dos varios grupos. Decidiu-se a edição mensal de um folheto, com tiragem de 5 mil exemplares, adotando-se o sistema das cotizações a devolver em opusculos, iniciado pelo grupo de *Les Temps Nouveaux* e agora tentado entre nós pela *Brochura Social*. O congresso ocupou-se por fim das Escolas dominicais Ferrer, falando então o camarada espanhol Lourenço Portet sobre a atividade da Escola Moderna.

O próximo congresso será em Newcastle-on-Tyne, por ocasião da páscoa de 1914.

Crónica internacional

NOS ESTADOS UNIDOS

acabam de se realizar as ideias de Leão Blum, que preconiza, num livro, as esperiencias amorosas como condição essencial da união duradoira.

Segundo o tribunal supremo de Nova York, o casamento de ensaio, nesse Estado da União, pode considerar-se como instituição legal para as raparigas menores de 18 anos. Antes dessa idade, com efeito, não há ainda a fidez sentimental, um criterio seguro de escolha, uma sufficiente esperiencia da vida.

Mas para que reduzir a leis o que já está nos costumes? o que já é admitido pela moral e pela opinião?

Foi primeiro o divórcio, e é agora —entre os anglo-sacões, famosos entretanto pela sua ridicula e ezajerada pudibundice — o casamento de ensaio para as menores. Porque não admitir e praticar então a união livre, preparada e acompanhada por uma necessaria, honesta e franca educação sexual e pela moralissima coeducação dos secos?

Para lá se caminha.

— O conhecido militante sindicalista Guilherme Haywood, dos «Trabalhadores Industriais do Mundo», foi condenado, em Paterson, a seis meses de prisão. A sua culpa? Ter marchado á testa dum milhar de grevistas manifestantes, que percorreu a cidade *num domingo!* Esta sentença foi sem dúvida ditada aos juizes pelos grandes barões da indústria da seda, furiosos com a greve dos seus operarios. Qualquer pretexto servia. Os patriotas norte-americanos chamam á sua patria *free country* — o país livre...

NA ITALIA

ganha rapidamente terreno a ideia de fazer uma greve geral, ao dar-se o primeiro morticínio de trabalhadores por obra dos carabinieri. Nas organizações operárias lavra grande indignação pela frecuencia desses factos.

A Camara do Trabalho de Prato aderiu a esse projeto de greve geral. Na Apúlia varias organizações tomaram a mesma decisão. Em Módena reina grande irritação e proclama-se altamente que é preciso responder enerjicamente ás violencias da autoridade.

Bibliografia

Inaugurando hoje esta secção, cumprenos desde já afirmar que, na apreciação das obras ofertadas à Terra Livre, usaremos sempre da máxima independência de crítica, — coisa que, nos tempos atuais e muito principalmente nesta malsadada terra portuguesa, tão menosprezada anda por aqueles que se arvoram em julgadores dos meritos alheios.

Em Portugal, como acertadamente o constatou já um dos mais ilustres escritores da nova geração, não existe crítica, na verdadeira acção do termo. Oscila-se, vergonhosamente, entre o elogio maciço e a mais crua das deprecições. Se o autor é amigo do critico, este cumula-o de adjetivos glorificadores, apresentando-o ao publico como um talento autentico, uma futura celebridade nas letras do país. A obra pode ser detestavel, sob todos os aspectos. Não importa. O critico não se detem por tão pouco. Pois que rubrica um amigo, todos os elogios lhe parecem insuficientes para a impor ao apreço dos leitores. Se se trata, porém, de um desconhecido, ou de alguém que o incomoda no seu videirismo de plumitivo, adota a inversa. O seu trabalho nenhuma importancia merece. E' mal feito e, como tal, digno de servir para embrulho nas tendas, se se trata dum livro, ou da mais sonora das pateadas, se se trata d'uma peça. E' isto, desgraçadamente, a critica literaria no nosso país.

A Terra Livre, como lhe cumpre, usará, neste como em todo, os pontos, de processos inteiramente diversos dos adotados pela imprensa burgueza. Nos seus louvores como nas suas censuras, não olhará a amigos nem a inimigos, Será sempre imparcial, será sempre justa.

LIVROS

Da porta da Europa, por Neno Vasco — Neno Vasco, pelos seus vastos conhecimentos, pela justeza do seu criterio, pela sua integridade de carater, de ha muito que se impoz á nossa amizade e consideração de camaradas, de companheiros do mesmo sonho e de soldados do mesmo combate. Um gesto o define. Podendo ser alguém, segundo o acanhado criterio burguez, desprezou a carta de bacharel e num belo dia, ei-lo de abalada até ás terras de Santa Cruz a compartilhar, como bom irmão, dos sofrimentos e das lutas de todos os que trabalham. O que ele fez e conseguiu por lá, em prol da sua ideia querida, — que é a nossa — sabem-no, mais ou menos, bastantes dos que nos lêem. Dotado de um belo cerebro e de uma pouco vulgar atividade, Neno Vasco foi, durante os annos que se conservou no Brazil, um dos que mais apaixonada e proficuamente trabalhou na defeza e na educação do proletariado d'aquela rejão.

A atesta-lo, por exemplo, ai estão as coleções do *Amigo do Povo*, *Aurora* e *Terra Livre*, de S. Paulo, folhas por ele dirigidas e sustentadas com o maior dos sacrificios e em que bem alto manteve sempre, pelo seu saber e pela sua coerencia, os nossos ideais.

Altamente valioso é, portanto, como não podia deixar de ser, este volume que ele acaba de lançar no mercado *Da Porta da Europa*, uma elegante brochura de 288 paginas, em que reuniu as magnificas cronicas publicadas na *Lanterna*, de S. Paulo, na *Guerra Social*, do Rio de Janeiro, no *Diario*, de Porto Alegre, na *Aurora*, do Porto e na *Sementeira*, de Lisboa. Modesta contribuição de idéias lhe chama Neno Vasco. Perdêe-nos o camarada, mas não concordamos. *Da Porta da Europa*, quer sob o ponto de vista literario, quer sob o ponto de vista socialista e libertario, é um belo livro. Como ele diz, «deve interessar os proprios adversarios sinceros ou pelo menos os espiritos independentes e livres de sectarismo.»

Nele são apreciados com justo criterio, alguns dos factos mais salientes da vida politico-social portugueza nestes dois ultimos annos, e tanto bastaria, cremo-ló, para o apresentarmos aos nossos leitores como um livro digno de ser lido por todos os que se interessam por questões sociais.

Sindicalismo e Gréve Geral, por José Prat e Aristides Briand. — 152 pag., 200 réis.

A Livraria Internacional, da Calçada do Sacramento, 44, acaba de enriquecer a sua

interessante e utilissima *Biblioteca de Educação Moderna* com um novo volume — o 12.º — *Sindicalismo e Gréve Geral*, devido á pena de José Prat e de Aristides Briand e esmeradamente traduzido pelos srs. Ribeiro de Carvalho e Boto Machado.

Tanto Prat como Briand — que, diga-se de passagem, tão vergonhosamente esqueceu o seu passado de revolucionario e de agitador do proletariado, acomodando-se, como um bom burguez, a todas as ignominias do poder — teem, neste livro, paginas escelentes. Destacaremos, por ezeplio, aquelas em que tratam da impotencia do socialismo reformista e dos pensadores burguezes que fazem a apolojia da violencia.

A Bomba Explosiva, por José Maria Nunes. — 106 pag., 300 réis.

Muito interessante este volume, que o autor sub-intitulou de *Depoimentos de diversos revolucionarios* (28 de Janeiro de 1908 a 5 de outubro de 1910.)

E' luxuosamente impresso e insere magnificas gravuras, — retratos de republicanos e diversos modelos de bombas explosivas.

FOLHETOS

Sindicalismo e Parlamentarismo, por Pedro Kropotkin. — 8 pag., 10 réis.

Neste curto folheto de oito paginas, editado pelos *Novos Horizontes*, mais uma vez nos diz, perante os factos, o sabio anarquista russo que a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos proprios trabalhadores e que o meio social em que essa libertação se ha de realizar deve ser tambem um meio dos mesmos trabalhadores.

Patria e Humanidade, por Domela Nieuwenhuis. — 8 pag., 10 réis.

Outro folheto editado pelos *Novos Horizontes*.

São oito paginas cheias de verdades, em que o simpatico pensador holandez, uma das mais belas figuras do anarquismo internacional, conclui por afirmar que o patriotismo, ao contrario do que para ai se diz, é altamente nocivo á humanidade e que, cultivando pelos governos na escola e na imprensa, conduz á guerra e aos conflitos entre os povos.

Sindicalistas e Anarquistas, — 20 pag., 20 réis.

E' um folheto editado pela Federação Nacional dos trabalhadores rurais de Evora e constituido por diversos artigos de Manuel Ribeiro, Han Ryner, Henrique Malatesta e Neno Vasco, reproduzidos de *O Sindicalista*, da *Terra Livre*, d'*A Aurora* e da *Sementeira*.

Não querendo, de nenhum modo, desvalorizar o trabalho destes camaradas, achamos, contudo, que a Federação mais acertadamente teria gasto o seu dinheiro, empregando-o, por ezeplio, na publicação do esplendido folheto de Reclus, *Ao meu irmão o campones* ou de qualquer outro folheto no genero, de igual simplicidade de linguagem e clareza de esposição.

Desculpem-nos este ligeiro reparo os nossos queridos companheiros da Federação, mas, no seu logar, assim teriamos feito.

Tem esta publicação, porém, um fim altamente humanitario: todo o produto liquido da sua venda é destinado exclusivamente a auiliar os presos por questões sociais.

Causas da carestia do pão em Portugal, por João Batista de Lemos, — 8 pag.

Porque é que o pão em Portugal custa mais caro que em nenhum outro paiz civilisado? Respondendo a esta pergunta, o autor, depois de um breve mas bem deduzido estudo do assunto, termina por dizer que para haver pão barato em Portugal necessario se torna pôr a moagem em concorrencia com a panificação.

A Cambada, panfleto semanal de Francisco Moreno e Vitor Falcão, — N.ºs 1 e 2, 20 réis.

Francisco Moreno e Vitor Falcão são dois moços de sangue na guelra, como sói dizer-se. Daí o atrevimento iconoclastico da sua proza. Os n.ºs 1 e 2 que temos presentes accusam, na verdade, dois temperamentos irrequietos de francos demolidores — mas, com absoluta franqueza lh'o dizemos, nem sempre observam nos seus ataques a imparcialidade devida. Ao acaso, citaremos a critica das *Segundas Nupcias*, ha pouco representadas no Nacional...

REVISTAS

Lumen — N.º 19, 50 réis.

Esclente, como os anteriores, o ultimo numero da *Lumen*.

O sumario é o seguinte: *Antes de espropriar é necessario ter quê*, por Cesar Porto; *Sobre o Individualismo*, por Manuel Devaldés; *Explicação da Morte*, (versos) por Araujo Pereira; *Sindicatos e Sindicalismo*, opiniões de Neno Vasco, Jorje Coutinho, Emilio Costa, João Branco, etc.; *Pontos da historia*: O manifesto do partido comunista. Alianza de la Democracia Socialista; *Os livros e as revistas*.

Les Petits Bonshommes — *Quinzenario ilustrado para crianças*.

Os jornais para crianças fornecem excelente e atraente leitura aos pequenos estudantesduma lingua estrangeira.

Ora o quinzenário ilustrado *Les Petits Bonshommes*, não sómente está nessas condições, mas tem ainda para nós a vantagem de estar isento de preconceitos religiosos e patrioteiros e de ser relijido por militantes operarios. Recomendamo-lo vivamente aos camaradas que tenham filhos a estudar francês.

A assinatura anual é de 5 francos e a correspondencia deve ser dirigida a Guy Tourrette — 96, Quai Jemmapes — Paris (X^e.)

NEO-MALTUSIANISMO

IV

Processos anti-concêcionais: Os ovulos fundentes; as esponjas de segurança

Como prometi nos artigos anteriores vou hoje tratar de indicar alguns dos artificios a que se deve recorrer para evitar os filhos. Posteriormente farei a justificação mais completa desta pratica anti-concêcional.

Um assunto desta natureza não pode ser tratado num jornal como o nosso com os pormenores, com as minudencias necessarias, visto haver entre os leitores grande numero de criaturas preconceituosas a que não achamos conveniente ferir bem possiveis suscetibilidades. Reservo, por estas razões, para publicar brevemente em folheto toda a pormenorisação esPLICATIVA dos diversos processos anti-concêcionais.

Os processos propostos para evitar a gravidez são numerosos; não me referirei por isso a todos eles mas simplesmente aos de pratica mais simples e eficaz.

Um desses processos de uso mais corrente consiste no emprego de *ovulos fundentes* tambem chamados *cones*. Os *ovulos fundentes*, sendo de simplisissima utilização, não são contudo de confiança absoluta. No entanto o seu uso oferece vantagens indiscutíveis e não deverá ser posto de parte só porque em alguns casos não tem sido eficaz.

Estes ovulos vendem-se já feitos em muitas farmacias de Lisboa ás caixas quasi sempre de uma duzia e por preço que varia de 200 a 1000 réis.

Quem queira, porem, pode mandá-los fazer tendo nisso a vantagem de poder ter maior confiança neles.

Os preparados de que se fa-

zem estes ovulos são diversos havendo uns melhores do que os outros. Hoje indico só uma formula que é muito boa e absolutamente inofensiva. Quem quizer servir-se dela não tem mais a fazer que dirigir-se a uma farmacia e mandar aviar a receita seguinte:

Cloridrato de quinina 0,50 gr.
Acido citrico..... 0,30 "
" timiço..... 0,30 "
Glicerina solidificada 50,00 "
F. s. a. 10 ovulos vajinais.

Cuidado com as intrujices dos farmaceuticos e com o preço que eles ezijam por esta receita; nunca se deverá pagar mais de 400 réis.

Um outro meio pratico de evitar a gravidez consiste no emprego de pequenas *esponjas de segurança*.

A esponja empregada deve ser macia e fina e aprocimadamente do tamanho de uma nóz grande.

Quem não queira comprar as que, para este fim, se encontram á venda nalgumas farmacias, pode adquirir qualquer esponja que seja fina e macia, cortá-la depois em bolinhas do tamanho indicado e atar-lhe 1,5 decimetro de fitilho de seda.

A mesma esponja pode servir muitas vezes mas deve ter-se sempre o cuidado de a lavar e de a desinfetar de cada vez que ela serve, molhando-a e espremendo-a algumas vezes em agua de sublimado.

Na ocasião de a colocar bom será que a mulher a imbeba em agua borica ou agua de vinagre fraco, espremendo-a em seguida, mas não muito.

Qualquer dos dois processos de que aqui falei é falivel. As drogas ás vezes não são de efeito completo e a esponja nunca absorve todos os esperma tozoides.

Mas mesmo assim ha muito quem consiga evitar os filhos de qualquer destas duas maneiras. Pode porém, tirar-se resultados muito mais seguros combinando, tanto um como outro destes processos, com o uso das *irrigações vajinais*.

No artigo a seguir falarei dessas *irrigações vajinais* e do emprego dos pessarios.

Gaspar Santos
(estudante de medicina)

● Ha quem se arrejee de dizer que é anarquista pelo facto. Pois precisamos de afirma-lo para nos deferencarmos dos teóricos, isto é, dos que dizendo-se anarquistas são politicos, patrioteiros, autoritarios, ociosos, libertinos e cuja moral em nada se diferencia da moral burgueza.

Por mim declaro bem alta e desassombadamente: sou anarquista pelo facto. Sim! Procuo, esforço-me por atuar, proceder como anarquista; po-harmonizar, tanto quanto a organização social m'o permite, as minhas açõer com as minhas ideias. E os que assim não procedem não são anarquistas embora assim se declarem por *diletantismo*, por *sport*, ou ainda por especulação.

Pelos atos mais do que pelas palavras se conhecem os partidarios da Anarquia. — *Pinto Quartim*.

Cartas a uma burgueza

V

Disse-lhe eu, lembra-se? que o casamento como *lá* é feito é uma imoralidade e das maiores. E lembra-se também, não é verdade? dos motivos que dei do meu pensar, das razões que fui apresentando a justificar aquilo que dizia. E perguntou-me, então, a minha amiga, como é que se fazia, aqui, o casamento.

Pois vou dizer-lho. Para não ter surpresas e abranjer completamente tudo o que vou explicar-lhe, deve ter sempre presente o que já ficou sabendo nesta nossa digressão, as coisas que foi vendo com os seus olhos e aquilo que ouviu da minha boca e das pessoas com quem temos conversado. Lembrará portanto, agora mesmo, que aqui *tudo é de todos*. Todos trabalham, segundo as suas aptidões e as suas forças, para o bem comum; *todos* recebem desta sociedade para que trabalhem aquilo que necessitam. Sendo assim, não ha interesses sordidos a juntar, e não pode o casamento revestir esse imoral aspéto que tanta vez *lá* reveste, como sabe. Lembrará também aquilo que ainda ha pouco verificámos: que a mulher tem uma educação — como a de homem — tendente a fazer dela um ser com as faculdades sentimentais desenvolvidas, com o cerebro enriquecido pelos conhecimentos científicos — que ela conquistou por si mais do que lhe foi ensinado — e com uma vontade forte bem determinada. A mulher não é aqui *propriedade* de ninguém. A mulher é, como o homem, um ser livre. Acrescentará a isto que nesta sociedade, e ezatamente por estes dois motivos — pelas bases economicas que ela tem e pela educação dos individuos — tudo se faz pelo livre acordo das vontades e não ha, portanto, a *lei* imperativa, coercitiva, imposta, prenhe de mentiras e de crimes e monstruosidades. Não ha também, consequentemente, as mil praxes absurdas e as mil embaraçosas complicações que da *lei* resultam sempre.

Parece-me, minha amiga, que, tendo isto no seu espirito, bem facil lhe será descobrir como é feito aqui o casamento. E' claro, não é verdade? E' a União Livre. Unem-se livremente um homem e uma mulher que teem afinidades fisiologicas, sentimentais e intellectuais. E tudo isso se faz sem a intervenção de ninguém. Desejam-se, amam-se, compreendem-se. A consequencia é clara: unem-se. E assim como livremente se unem, livremente, sem a intervenção de qualquer estranho, desfazem a situação, se separam quando quizerem.

Que horror?! Mas porquê?

Não podem ter duração as ligações? E' isto que me diz?

Pois engana-se, minha amiga. Nesta absoluta liberdade se encontra a maior garantia da estabilidade do casamento. E' o que aqui se verifica. E mesmo *lá*, sem que as bases economicas sejam estas e sem que a educação permita, como aqui, uma plena liberdade, nós podemos verificar isto mesmo. Olhe: é vulgar — eu conheço varios casos *lá* sucedidos — um homem e uma mulher viverem bem, numa relativa felicidade enquanto livremente unidos. Depois, em geral por influencia da mulher, casam; *legalizam* a situação para ganharem o acolhimento duma sociedade até então retraída, duma sociedade ignorante, cheia de preconceitos e de mentira. Casaram e estragaram o bem que possuíam, mata-ram a felicidade. E' que a ideia de que estão unidos por uma obrigação, por um *contrato* escrito, a ideia de que ficarão unidos sempre (se não ha divorcio) ou de que para se separarem terão que regular mil coisas e seguir formulas varias legais, (se ha já a transijencia do divorcio) tudo isto, minha amiga, produz estragos varios nos corações e começa a elevar, entre os dois, um muro que as mais das vezes é depois impossivel destruir. Pelo contrario, a ideia de que, sem praxes, sem obrigações legais, sem complicações, sem a intervenção de ninguém, podem em qualquer altura separar-se e seguir cada um o seu caminho, leva-os a uma maior aproximação, a que cada um deles faça valer todos os dias aos olhos do outro, naturalmente, as suas qualidades morais, a sua intelligencia, o seu amor. E aqui tem os motivos porque as uniões que aqui se realizam teem quasi sempre uma grande estabilidade. Mas quando reconhecem que a vida em comum lhes é impossivel — o que é rarissimo — francamente o dizem um ao outro e voluntariamente se deixam sem rancor. A mentira não tem guarida aqui, nem o odio aqui cria raizes.

O que é com estes dois primeiros elementos da Família, é com os outros, com os filhos. Os filhos não são *propriedade* dos pais, não são *propriedade* de ninguém. Pertencem-se a si proprios. E, desde o berço, todas as energias esternas que os vão influenciando, todos os cuidados e atenções que para eles se dirigem teem como fim o fazer deles homens fortes, bem constituídos fisicamente e individualidades marcadas. Esse trabalho começa na Família e completa-se na Escola e na Vida, sempre no seio da maior liberdade. Assim a Família é aqui a unidade social — com todos os seus elementos conscientes, livres e harmonicos.

E agora, minha amiga, vou deixal-a... Ali na frente, está uma grande cidade, formosíssima. Vê? Ali encontrará muita coisa bela e muita novidade interessante para o seu espirito. Veja os homens, observe-os, fale com eles, peça-lhes informações. Mundos novos se rasgarão na sua frente...

E veja bem o caminho que trousemos. Tome pontos de referencia. Isto para o caso — a meu ver pouco provavel — de querer voltar para traz...

Sobral de Campos.

Madeleine Vernet

O AMOR LIVRE

Disse, ao principio, que se não devia confundir o amor com o casamento. Pois bem, antes de abandonar o terreno fisiológico, irei mesmo mais longe, e direi que se não deve confundir o amor com o desejo.

O amor é a comunhão completa de dois cérebros, de dois corações, de duas sensualidades. O desejo, não é mais do que o capricho de duas epidermes que um mesmo frémto de voluptuosidade reúne. Nada é mais passageiro e instavel do que o desejo; nenhum de nós lhe escapa. Se todas as mulheres quizessem ser verdadeiramente francas consigo proprias, confessariam que lhes tem sucedido algumas vezes darem-se virtualmente a um homem que não viram senão durante algumas horas — durante mesmo um curto instante — e de quem elas ignoravam os sentimentos e até o nome. Bastará a pressão da mão, a troca de um olhar, mesmo a emissão da voz, para que o desejo nasça, e, quer o queira quer não, a mulher que tiver sentido tal desejo, terá pertencido a esse homem ainda desconhecido na vespéra, que não a possuirá jámais e que ela terá esquecido no dia seguinte.

Não podemos ser mais senhores do desejo carnal do que das agonias do nosso estomago. Ambas as coisas são inerentes ao nosso ser fisico, ambas são o resultado de duas necessidades naturais, tão lejitima uma como a outra. Ora a fome não se sacia para sempre; mitiga-se apenas.

E se insisto ainda sobre a diferença do amor e do desejo, é porque sempre os teem confundido a ponto de os assimilar um ao outro e esta confusão conduz muitas vezes a funestos e tristes resultados.

— «O espirito é forte, a carne é fraca!» — diz-nos a Escritura. Sim, certamente a carne é fraca. Que tempo é necessario ao desejo para se transformar em ato? E esse ato é sempre desempenhado voluntaria e conscientemente? Ha horas em

que a noção das coisas reais desaparece, em que nada mais eziste em nós do que a sensação do momento.

Os que teem vivido no meio da natureza sabem-no perfeitamente: quando na primavera a seiva sobe aos ramos, quando os efluvios da vida brotam de todos os lados — da terra, do sol, dos bosques e das plantas — o desejo também corre sob a epiderme, e torna os peitos febricitantes.

E pelas pesadas noites de verão, noites quentes e perfumadas, quem negará que a necessidade do desejo é mais intensa? O amante que numa dessas noites se encontre só, alguma coisa sabe a tal respeito; ele vos dirá quanto então a sua solidão o faz sofrer.

Ora, se ezistem assim dias e horas em que a sensualidade se encontra por tal forma ezasperada, nada ha de extraordinario em que «a carne seja fraca.»

Basta para isso que o acaso cumplice ponha em face um do outro dois individuos de secos diferentes.

Mas isso não é o amor; é simplesmente o desejo. Desejo que algumas vezes reveste todas as aparencias do amor: mas que deixa os dois amantes perfeitamente estranhos um ao outro, tal qual o faminto que após ter saciado a fome, abandona a mesa sem desgosto.

Que não se vá concluir, porém, que eu condeno o desejo. Porque o havia eu de o condenar, se acabo de demonstrar que ele está naturalmente ligado á nossa vida secual? O que quero apenas é estabelecer nitidamente a diferença entre o desejo e o amor.

(Continúa).

A propaganda
Organisação
anarquista

Grupo «Obreiros do Futuro» — Acaba de organizar-se em Aveiro, com a denominação de «Obreiros do Futuro», um grupo comunista-anarquista, que na sua primeira reunião resolveu aderir á F. A. R. N.; fundar uma biblioteca para o que solicita, por este meio, a todos os grupos libertarios, a oferta de livros de propaganda, jornais, etc.; protestar contra a prisão arbitraria de operarios por questões sociais e contra a lei da fome, e bem assim saudar todos os camaradas manifestando-lhes a sua incondicional solidariedade.

Toda a correspondencia relativa ao grupo deve ser dirigida a Manoel Monteiro de Miranda, Chapelaria, Reis, rua dos Mercadores — Aveiro.

Grupo libertario — Alguns camaradas residentes no Arco do Cego e no Campo Grande resolveram levar a efeito a formação dum grupo para a propaganda das ideias sindicalista e anarquista. Toda a correspondencia deve ser dirigida a Carlos d'Almeida Ferraz, rua Rifel, F. O. F. r. c. ao Arco Cego.

Os emancipados — Destinado á propaganda dos nossos ideais, acabou de se construir em Alcaçovas um novo grupo libertario, com o titulo de *Os Emancipados*.

AO CAMPONÊS, MEU IRMÃO

POR ELISEU RECLUS

—Será verdade, perguntáste-me tu um dia, que os teus camaradas, os operários da cidade, pensam em me tomar a terra, esta boa terra que eu tanto amo e que, embora com tanto trabalho, me dá o loiro trigo? Foi ela que alimentou meu pai e meu avô, e talvez meus filhos encontrem ainda aqui um pouco de pão. Será verdade que queres tirar-me a minha terra, expulsar-me do meu casal?»

—Não, meu irmão, não é verdade. Se tu amas a terra e és tu que a cultivas, é a ti que pertencem as colheitas. És tu que fazes nascer o pão; portanto, ninguém tem o direito de o comer antes de ti, da tua companheira e dos teus filhos. Trata do teu campo com toda a tranquilidade, guarda a enxada e a charrua para revolver a terra endurecida, arrecada a semente para fecundar a terra. Não ha nada mais sagrado que o teu trabalho e mil vezes maldito seja aquele que te tirar a terra tornada fértil pelo teu suor!

Mas se a ti te falo assim, não digo o mesmo a outros que se julgam cultivadores mas que não são.

Quais são esses finjidos trabalhadores? Um, nasceu já grande senhor. Quando o colocaram no berço, todo envolto em finas lãs e sedas, o padre, o magistrado, o notário e outros personagens vieram saudar o recém-nascido como um futuro dono da terra.

Cortezãos, homens e mulheres, veem de toda a parte trazer-lhe presentes, estofos bordados a prata, brinquedos de ouro; e, enquanto o enchem de prendas, escribas registam em grandes livros que o pequerucho possui aqui nascentes, ali ribeiros, mais além bosques, campos e prados, para o outro lado jardins e ainda outros campos, outros bosques, outras pastagens, tanto na montanha como na planície; mesmo debaixo da terra ele é dono de grandes domínios onde centenas ou milhares de homens trabalham. Um dia, quando fôr crescido, irá visitar o que herdou ao sair do ventre materno; talvez não se dê ao trabalho de vêr tudo o que possui, mas, com certeza, fará recolher e vender todos os produtos. De todos os lados, por estradas e por caminhos de ferro, em barcos no rio e em navios no oceano lhe chegarão grandes sacos de dinheiro, vindos de todas as propriedades.

Pois bem! quando nós tivermos a força, deixaremos todos estes produtos do trabalho humano nos cofres deste herdeiro?

Devemos ter respeito por esta propriedade? Não, meus amigos, nós tomaremos tudo isso. Rasgamos todos os seus papéis, quebramos as portas dos palácios, tomamos todos esses domínios. Havemos de dizer a esse finjido cultivador: «Trabalha se queres comer! Todas estas riquezas deixaram de te pertencer!»

E esse outro senhor nascido pobre, sem pergaminhos, que ninguém veio admirar na mansarda maternal, mas que teve a sorte de enriquecer pelo seu trabalho, honesto ou não? Não tinha o menor pedaço de terra, mas soube, por especulações ou economias, pela sorte ou por favores do amo, adquirir imensos domínios que rodeou de muros e barreiras: recolhe donde não semeou, come o pão que outro ganhou com o seu trabalho. Devemos respeitar esta segunda propriedade, a do enriquecido que não trata da terra mas a manda arranjar por mãos de escravos, e que, não obstante, lhe chama sua? Não, respeitamos tanto esta propriedade como a outra. Neste caso, também, quando nós tivermos a força tomaremos estes domínios e diremos áquele que se julga seu dono: «Para traz! Continua a trabalhar! Terás o pão que o teu trabalho te der; mas a terra que outros cultivam deixou de ser tua!»

Como vês, nós tomamos a terra, não a ti, mas áqueles que a possuem sem a cultivar, para a dar aos que a trabalham e áqueles a quem era proibido tocar-lhe;—mas não é para que possam por sua vez explorar outros desgraçados. A porção de terra a que o individuo, grupo ou comunidade de amigos tem naturalmente direito é a que é favorecida pelo seu trabalho individual ou coletivo. Desde que um pedaço de terra esceda a superfície que eles podem cultivar, não tem nenhuma razão natural para reivindicar este bocado. O que tu cultivas, meu irmão, é teu, e nós te ajudaremos a guardá-lo por todos os meios ao nosso alcance; mas o que tu não cultivas é doutro companheiro. Ele saberá também fecundar a terra.

Mas se, como vês, tendes direito á vossa porção de terra, para que cometeis a imprudência de estar isolados uns dos outros?

Sozinho, o camponês é muito fraco para lutar contra a natureza avara e contra o perverso opressor. Se consegue viver, é por um prodígio de vontade. Precisa acomodar-se a todos os caprichos do tempo e submeter-se em mil ocasiões á tortura voluntária.

Quer a chuva caia, o sol queime ou o vento sopra forte, ele trabalha sempre; quer a inundação apodreça as suas colheitas ou o sol as queime, êleceifará tristemente o que ficar e que nem chega para se alimentar; e, chegado o dia da sementeira tira o pão da sua boca para o lançar ao campo. No seu desespero, sacrifica ainda uma parte da pequena colheita que tão necessária lhe é, na esperança de que passado o rude inverno, a primavera e o ardente estio, o trigo amadureça alfim para tornar tres, quatro, dez vezes maior a sementeira.

Que amor intenso o camponês sente pela terra em que tanto trabalha e que tanto o faz sofrer pelo medo e pelas decepções ou ezultar de alegria quando as astes ondulam cheias de espigas! Nenhum amor é mais forte que o do camponês pelo solo que ele cava e semeia, no qual ele nasceu e para o qual ele voltará. E, no entanto, quantos inimigos o rodeiam e lhe entram a posse da terra que elle adora!

O Estado cobra-lhe impostos pelo seu arado e leva-lhe uma parte da colheita, o comerciante faz o mesmo a outra parte, o caminho de ferro leza-o também no transporte da mercadoria. Ele é enganado por todos os modos. Devemos gritar-lhe: «Não pagues impostos, não pagues rendas!» Mas ele paga tudo. Paga porque está isolado, porque não tem confiança nos seus vizinhos, os outros camponeses, proprietários ou rendeiros e não se associam com eles. Estão escravizados pelo medo e pela desunião.

O que é certo é que se todos os camponeses compreendessem quanto a união pode aumentar a força contra o opressor, não teriam deixado perigar as comunidades dos tempos primitivos, os «grupos de amigos», como lhes chamam na Servia e noutros países slavos. A propriedade coletiva destes agrupamentos não está dividida por muros ou fossos, nem os interesses dos camaradas são tratados por algum advogado ou notário.

Depois da colheita, antes do tempo do novo labor, reúnem-se para discutir os assuntos comuns. O mancebo que se casou, a família que aumentou pelo nascimento de um filho ou para a qual entrou novo membro, tudo é esposto, afim de que tomem uma maior porção de terreno para satisfazer as suas necessidades agora maiores. Segundo a superfície do solo e o numero de membros, estreitam-se ou alargam-se

os limites, e cada um trabalha no seu bocado, feliz por viver em paz com os seus irmãos que trabalham a seu lado na terra proporcional ás necessidades de todos. Nas circunstancias urgentes os camaradas auxiliam-se: um incendio devorou tal cabana, todos se ocupam em a reconstruir; uma cheia destruiu uma porção do campo, todos tratam de remediar o mal. Um só apascenta os rebanhos da comunidade e, á noite, as ovelhas e as vacas sabem tomar o caminho do seu estabulo sem que lá as conduzam. A comuna é ao mesmo tempo a propriedade de todos e de cada um.

Mas, a comuna, do mesmo modo que o individuo, é muito fraca se estiver isolada. Quasi sempre tem que lutar com um senhor mais rico que ela, que pretende a posse de tal ou tal campo, de tal floresta, ou de tal pastagem. Se o senhor fôsse sozinho, ela saberia triunfar do insolente personagem; mas elle não está só, tem por si o governador da provincia e o chefe da policia; os magistrados, o governo inteiro com todas as leis e todo o exercito.

Se preciso fôr, elle dispõe de canhões para metralhar os que lhe disputam o pretendido solo. Assim, a comuna poderia ter cem vezes razão e seria certamente vencida. Nós devemos gritar-lhe: «Não cedas!» Mas ella cede. Cede, porque é vitima da fraqueza causada pelo isolamento.

Como vês, todos vós, isolados ou associados em comunas, sois muito fracos contra áqueles que procuram escravizar-vos, assambradores da terra que querem a vossa pequena parte, governantes que querem arrecadar tudo que se produz. Se não vos unirdes, não só individuo a individuo, comuna a comuna, mas sim país a país em uma grande internacional de trabalhadores, bem cedo tereis a mesma sorte que milhões e milhões de homens que foram despojados de todos os seus direitos á sementeira e ás colheitas, e que vivem na escravidão do salariado, encontrando trabalho só quando os patrões tem interesse em lho dar, sempre obrigados a mendigar debaixo de mil formas, ora pedindo humildemente para ser admitido, ora estendendo mesmo a mão para implorar uma avara esmola. Estes foram já privados da terra; vós podeis sê-lo amanhã.

Haverá grande diferença entre a vossa sorte e a deles? A ameaça já vos atinjiu, mas só vos poupará por um ou dois dias. Uni-vos na vossa desgraça! Defendei o que vos resta e

reconquistai o que perdestes.

A não ser assim, o vosso futuro será horrível, pois viveremos numa sociedade de ciência e método, e os governantes, servidos por um exercito de químicos e professores, prepararam-vos uma organização social na qual tudo será regulamentado como numa oficina onde a maquina dirige tudo, mesmo os proprios homens, e onde estes serão simples rodas que se inutilizarão como ferro velho quando se associarem para ezi-
zir.

E' assim que na parte ocidental dos Estados-Unidos varias companhias de especuladores em boas relações com o governo, como, de resto, o estão todos os ricos ou os que esperam vir a sê-lo, fizeram que lhes cedessem grandes extensões de terreno nas rejiões mais férteis e, sacrificando homens, tornaram-nas em campos de lavoura. A direção deste vasto espaço está confiada a uma especie de general instruido, experimentado, bom agricultor e bom comerciante, habil na arte de avaliar pelo seu justo valor a força produtôra das terras e dos musculos.

O nosso homem instala-se numa comoda casa no centro das suas terras. Tem nos seus armazens centenas de charruas, maquinas de semear, ceifeiras, e uma porção de vagões atrelados a locomotivas vai e vem incessantemente do campo ao porto mais proximo, cujos cais e navios lhe pertencem tambem. Uma rede de telefones põe a casa apalçada em comunicação com todas as outras construções de maneira que a voz do chefe se ouça sempre em toda a parte e, de ouvido á escuta e de ôlho alerta, nada se faz sem a sua ordem ou sem a sua vijilancia.

E em que se torna o campo, neste mundo tão bem organizado? Maquinas, animais e homens são utilizados da mesma maneira: forças, avaliadas em algarismos, que é preciso empregar a bem do beneficio patronal com o maximo de produto e o minimo de despeza. As estrebarias estão dispostas de tal maneira que, ao sair delas, os animais começam logo fazendo o rego de muitos kilometros de comprido até ao fim do campo.

Assim tambem todos os movimentos dos operarios estão determinados á saída do dormitorio comum onde não ha mulheres ou crianças que venham com um beijo ou uma carícia perturbar as tarefas. Os trabalhadores estão divididos em troços que teem os seus sarjentos e capitães, alem do infame espião. O dever de cada um é fazer metodicamente o trabalho ordenado sem a menor discussão ou recusa. Quando uma maquina se estraga e não tem concerto, põem-na de parte; quando um cavalo cai e parte uma perna, metem-lhe

uma bala nos miolos e mandam-no para o guano; quando um homem sucumbe ao trabalho ou se deixa invadir pela febre, dignam-se não lhe acabar com a vida, mas desembarçam-se dele o mais depressa possivel: que morra lonje, sem massar ninguem com os seus lamentos.

No final dós grandes trabalhos, quando a natureza descansa, o diretor descansa tambem e licencia a sua gente. No ano seguinte, encontrará certamente nova quantidade de ossos e musculos para engajar, mas preferirá os trabalhadores do outro ano, esperando que estes pela sua experiencia, pelo amor criado á terra que trabalharam por suas mãos, tenham a ilusão de que o campo lhes pertence.

Se a felicidade da humanidade consistisse em fazer acumular a alguns milionarios, pelas suas paixões e pelos seus caprichos, os produtos arranjados por todos os assalariados, esta exploração da terra por uma chusma de forçados seria o ideal. Os resultados destas empresas são prodijiosos quando a especulação não aruina o que a especulação criou. Tal quantidade de trigo obtido por um trabalho de quinhentos homens poderia alimentar cincoenta mil: á despeza feita por um salario irrisorio corresponde um rendimento enorme da mercadoria que se vende por dez vezes o valor da produção. E' certo que se a multidão dos consumidores por falta de trabalho e portanto de salario, ficasse reduzida á extrema miseria, não poderia comprar todos esses produtos e condenada a morrer de fome não enriqueceria os especuladores. Mas estes pouco se importam com o futuro: ganhar depressa e muito, marchar num caminho cheio de ouro... os que vierem que se arranjam.

Vêde, camaradas trabalhadores que amais a terra onde vistes pela primeira vez o misterio do embrião rasgando a terra, vêde o futuro que vos está reservado. Tirar-vos-ão o campo e as colheitas, prender-vos-ão a qualquer maquina, onde, sempre sujos e no meio de fumo, tereis de deslocar uma alavanca dez a doze mil vezes por dia. Chamarão a isto agricultura. E, não percais tempo a olhar para a mulher ou donzela que passa e pertuba o vosso coração, porque o contramestre não consente que se leze o patrão, embora a este lhe convenha a vossa descendencia para o continuar a enriquecer. O futuro que vos espera é o dos operarios, dos aprendizes de oficina! Nunca a escravidão antiga amassou tão metodicamente a materia humana para a reduzir ao estado de simples ferramenta. Que tem de humano um sêr palido, magro e escrofuloso que respira constantemente numa

atmosfera cheia de detritos e de poeiras?

Camarada, evita esta morte a todo o custo!

Defende a valer a tua terra, que o mesmo é defender a tua vida, a de tua mulher e de teus filhos. Associa-te aos companheiros cuja terra está tambem ameaçada pelos proprietarios e ajiotas; esquece as pequenas questões entre vizinhos e agrupa-te em comunas onde todos os interesses estejam ligados, onde um bocado de terra tenha todos os comunistas por defensores.

Sendo cem, mil ou dois mil sereis já muito fortes contra o senhor e os seus vassallos, mas ainda fracos contra um exercito. Por isso devem unir-se umas ás outras todas as comunas e os trabalhadores ter por divisa: "Todos por um". Fazer um apelo aos deserdados das cidades a quem ensinaram a odiar-vos, mas que, no entanto, deveis amar porque vos ajudarão a defender a terra e a reconquistar a parte perdida.

E, todos juntos, fundareis a grande comuna humana onde todos trabalharão para embelezar e vivificar o solo, vivendo felizes nesta boa terra que nos dá o pão.

Mas se não fizerdes isso, tudo está perdido e ficareis escravos e mendigos.

"Teem fome?", dizia ha pouco um governador de Alger a uma deputação de operarios sem trabalho, "se teem fome... comam-se uns aos outros!".

Varias noticias

● A *Renascença Portuguesa*, associação de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social, ferida pelas más condições económicas em que se encontra o poeta Gomes Leal, pediu-lhe licença para promover uma subscrição no país em seu favor.

Importante

A todas as pessoas e colétividades a quem enviamos o nosso semanario e que não queiram auxiliar-nos com a sua assinatura, esperamos que no-lo devolvam, com a respectiva cinta, antes da publicação do número seguinte, de contrário considera-las-emos como nossas assinantes.

Publicações da TERRA LIVRE

ACABA DE APARECER:

GEÓRJICAS

Ao trabalhador rural

por Neno Vasco

Folheto de 16 paginas com ilustrações e no texto na capa, impresso em ótimo papel em formato elegante:

Preço 10 réis — Um cento 700 réis

● Aceitam-se desde já pedidos na administração deste jornal. A importancia correspondente deve ser enviada em estampilhas, vale do correio ou em ordem postal.

O autor das «Claridades do Sul» e do «Fim dum Mundo» respondeu com a carta seguinte:

«Senhores e Confrades — Agradeço muito a V. a generosa lembrança que tiveram de promoverem uma subscrição nacional a meu favor. Como sabem, nada aceitarei do Estado Atual, jamais. Porém de uma coletividade espiritual, feita toda de almas e de espiritos retos, nada posso recusar, porque seria soberba prègar o auxilio e a fraternidade social e recusar a que nos oferecem corações que vibram, unisonos, com o meu sentir. Eu preferia que Portugal lesse os meus livros e os comprasse. Mas Portugal não lê. A todos um abraço enternecido e espiritual.»

A subscrição acha-se aberta na sede da *Renascença Portuguesa* á Rua Sá da Bandeira, 363-2.º, das 8 da noite em diante e na tipografia Costa Carregal, tr. Passos Manuel, 27, todo o dia.

● Como em muitos outros pontos do país, os trabalhadores de Vidago e Chaves efetuaram um comicio no dia 30 do mez proximo passado a fim de protestar contra a prisão dos seus companheiros de Amareleja, Moita, Barbacena, etc.

O ato foi bastante concorrido, usando da palavra os camaradas Antonio de Castro Lopo, pelos grupos *Audacia* e *Avante!*, de Chaves, José Augusto Ferreira, pelo grupo *Avante pelo Futuro*, de Vidago e Manuel Joaquim de Sousa, do Porto.

Tendo o jornal *O Republicano*, órgão do deputado Antonio Granjo, afirmado que n'este comicio se haviam feito afirmações monarquicas, o nosso camarada José Augusto Ferreira, protestando contra tal calunia, comunicou-nos que o grupo *Avante pelo Futuro* váe publicar um manifesto sobre o assunto.

Francez

Ensino teorico-pratico,
sem auxilio de livros

Tradução, correspondencia e conversação, com verdadeira pronuncia parisiense, por metodo racional, intuitivo e atraente.

1\$200 réis mensais

Estrada da Penha de França, 82

Anúncios

No intuito de fazer uma grande propaganda de todas as obras de ciência, sociologia e arte social que estejam editadas ou que venham a editar-se em português, para facilitar a difusão das ideias que o nosso jornal propaga e defende, além da apreciação desenvolvida e independente das obras que tem sido editadas ou que se forem editando, e de que sejamos recebedores de um exemplar, **TERRA LIVRE** oferece as suas paginas aos editores para anunciarem as suas publicações ao preço da tabela junta, reservando esta redação para si o direito de recusar o anúncio de livros com cuja doutrina não concorde, visto que só queremos anunciar livros cuja leitura possamos recomendar aos nossos leitores e que possamos servir de intermediários na sua venda.

Preços dos anúncios (Pagamento adiantado e em prestações mensais)

Por	1	4	12	24 números
Uma pagina...	5\$000	12\$000	24\$000	38\$000
1/2 >	2\$500	8\$000	16\$000	25\$000
1/4 >	1\$500	4\$000	10\$000	15\$000
1/8 >	\$800	2\$000	4\$000	8\$000

NOTA—Estes preços são para anúncios permanentes; quando sofrerem alterações acresce mais 100 réis por cada linha.

ACABA DE APARECER

Da Porta da Europa

FACTOS E IDEIAS

POR Neno Vasco

A questão religiosa ☉ A questão política ☉ A questão economica

Preço 500 réis (pelo correio ma.)

A administração da *Terra Livre* satisfaz prontamente todos os pedidos que venham acompanhados da importancia respectiva.

Encontram-se á venda

nesta administração

destinando-se o produto a auxilio do nosso jornal, as seguintes

PUBLICAÇÕES

Postais "Terra Livre," impresos em magnifico cartão de côr, ilustrados com uma sugestiva alegoria do distinto caricaturista Rocha Vieira e inserindo um resumo das ideias libertarias posal camaradas Adolfo Lima, Araujo Pereira, Neno Vasco, Pinto Quartim e Sobral de Campos—cada... 10 réis.

* Os mesmos em cartolina—300 réis o cento; pelo correio 350 réis.

* **Os bastidores da guerra**, de Pedro Kropotkine—cada folheto de 24 pájinas 30 réis.

* **Ferro Velho**, versos de Araujo Pereira—cada 50 réis.

* **Um pai**, entre-áto orijinal de Araujo Pereira—20 réis.

* **A questão social**, de Campos Lima—cada folheto de 32 pájinas, 20 réis; 25 exemplares, 300 réis; pelo correio, 350.

* **O Dogma e a Ciencia**, de Emile Janvion—folheto de 100 pájinas, 60 réis.

* Coleção da revista **A'manhã** (6 números) 100 réis; pelo correio, 120.

* **La guerre**, de Pierre Kropotkine (publicação de *Les Temps Nouveaux*) 20 réis.

* **A bas les chefs!** por Dèjacques (publicação de *Les Temps Nouveaux*) 20 réis.

* **La loi et l'autorité** por Kropotkine (publicação de *Les Temps Nouveaux*) 20 réis.

* **La loi e l'autorité**, por Pedro Kropotkine (publicação de *Les Temps Nouveaux*) 24 paj.—20 réis.

Les scientifiques, por Jean Grave (publicações de *Les Temps Nouveaux*) 8 paj.—10 réis.

Les incendiaires, por Eujéne Vermersch (publicações de *Les Temps Nouveaux*) 8 paj.—20 réis.

Le Militarisme, por Domelã Nieuwenhuis (publicações de *Les Temps Nouveaux*) 32 paj.—20 réis.

E' inútil incomodarem-se a escrever-nos fazendo pedidos de livros e folhetos sem que esses pedidos sejam acompanhados da respectiva importancia, porque não os satisfaremos.

TERRA LIVRE

Semanário anarquista

(Publica-se ás quintas feiras)

Orgam de luta social e economica.—Tribuna amplamente aberta ás reivindicações dos trabalhadores.—Análise e comentarios dos factos capitais da vida social e política portugueza.—Desenvolvimento noticiario do movimento operario internacional.—Desenhos e caricaturas demolidoras.—Concursos scientificos e inqueritos para o conhecimento do problema economico e social da rejão portugueza.—Correspondencia da provincia e do exterior.—Secções de ciencia, filosofia, arte, educação, literatura e critica.

Corpo redatorial:

Carlos Rates—Neno Vasco—Pinto Quartim—Sobral de Campos.

Colaboradores:

Adolfo Lima—Afonso Manaças—Araujo Pereira—Aurelio Quintanilha—Bel-Adan—Campos Lima—Clemente, Vieira dos Santos—Emilio Costa—Gaspar dos Santos—Humberto de Avelar—Ismael Pimentel—José Bacelar—José Benedy—José Carlos de Sousa—Manuel Ribeiro, Edmundo d'Oliveira e outros.

Condições d'assinatura

(Pagamento rigorosamente adiantado)

Para Portugal, Espanha, ilhas e colônias portuguezas.

(Incluindo o importe do correio)

1 mês (só para o continente) 100

3 meses..... 300

6 meses..... 500

1 ano..... 1\$000

Numero avulso..... 20

Pacote de 50 exemplares (fora o porte do correio).. 500

Para o Brazil (moeda fraca)

(Incluindo o importe do correio)

6 meses..... 2\$400

1 ano..... 4\$800

Numero avulso..... 100

Pacote de 50 exemplares . 2\$500

Extérieur

Trois mois..... 2,50 fr.

Six mois..... 5 >

Um an..... 10 >

Prix du numéro..... 0,25 >

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importancia em ordem postal ou estampilhas continentais. Quando a cobrança tiver que ser feita pelo correio acresce a despesa correspondentemente.

Um exemplar gratuito.—Pedimos a todos os nossos leitores e amigos que nos indiquem entre as suas relações, tôdas as pessoas suscetíveis de se interessarem pela leitura deste semanário.

Sobre os seus avisos, comunicando-nos os nomes e os endereços, enviaremos ás pessoas indicadas um exemplar gratuito que lhes permitirá avaliar a qualidade, o interesse e a utilidade da nossa publicação.

Un spécimen gratuit—Nous prions tous nos lecteurs et amis de vouloir bien nous signaler, parmi leurs relations, toutes les personnes susceptibles de s'intéresser à la lecture de *Terra Livre*. Sur leur avis, nous donnons des noms et des adresses, nous nous faisons un plaisir d'envoyer aux personnes indiquées un spécimen gratuit qui leur permettra de se rendre compte de la qualité, de la utilité et de l'intérêt de notre semainaire.

Venda de livros.—A administração do jornal *Terra Livre* satisfaz com prontidão todas as encomendas de livros quer nacionais quer estrangeiros que venham acompanhados da importancia correspondentemente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periodicas da Europa e da America.

Notre service de librairie—Se charge de fournir a tous nos abonnés et aux organisations tous ouvrages de librairie aux conditions habituelles de remise.

Adresser toute correspondance relative à la Redaction et à l'Administration à Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lisbonne (Portugal).

—Per tutto ciò che riguarda la *Terra Livre*, indirizzare alla Rua das Gaveas, 55, 1.º. Lisbona (Portogallo)

—Cion, kio rilatas al *Terra Livre*, oni sendu al la Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lisbona (Portugal).

—All correspondance for *Terra Livre* should be adressed to Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lisbon (Portugal).

—All correspondenz für *Terra Livre* ist zu richten auf Rua das Gaveas, 55, 1.º—Lissabon (Portugal).

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DAS GAVEAS, 55, 1.º

LISBOA

Ajentes aceitam-se onde ainda os não haja

"Terra Livre" encontra-se á venda nos principais quiosques e tabacarias